

www.seer.ufrgs.br/webmosaica

ISSN 2175-6163

Revista WEBMOSAICA | Instituto Cultural Judaico Marc Chagall
Rua General João Telles, 329, 2º andar | 90035-121 | Porto Alegre-RS, Brasil
webmosaica@hotmail.com

WebMosaica Porto Alegre, volume 7, número 2, julho-dezembro 2015

Editorial

WebMosaica Porto Alegre, volume 7, número 2, julho-dezembro 2015

INICIADA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2009, COM A DÉCIMA QUARTA EDIÇÃO DA REVISTA, relativa ao segundo semestre de 2015, a *WebMosaica* completa sete anos de existência. Este aniversário merece ser comemorado, tendo em vista que a *WebMosaica* se soma, com qualidade, às demais revistas brasileiras acadêmicas de estudos judaicos na missão de divulgar o conhecimento produzido nessa área do conhecimento.

Sempre é bom reiterar que a existência da revista se deve aos autores que acreditaram e acreditam na qualidade da revista e na seriedade e competência dos editores, avaliadores e revisores, todos generosamente partilhando seu tempo e seus conhecimentos com os leitores. Ao mesmo tempo, à medida que a revista afirma-se no meio acadêmico, com a regularidade de publicação de dois números ao ano e mais de 100 artigos publicados, a oferta de artigos tem aumentado, fazendo com que alguns artigos, embora já aprovados para publicação, sejam incluídos no próximo número. A situação da revista poderia melhorar ainda mais se os pesquisadores incorporassem o hábito de buscar exaustivamente referências que fundamentem seus trabalhos, muitas das quais estão presentes nos 14 números da *WebMosaica* já publicados.

Neste número, a revista reforça suas principais características: é uma revista acadêmica, multidisciplinar, eletrônica e de acesso livre, com conteúdo situado na área de estudos judaicos e autores localizados em três estados brasileiros e um no exterior. Os autores vinculam-se majoritariamente a universidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Buenos Aires. As temáticas abordadas situam-se predominantemente na área da Literatura, mas também nas áreas de Psicologia, Psicanálise e Religião.

O décimo quarto número da revista *WebMosaica* conta com quatro artigos no Dossiê, quatro na seção de artigos de temática livre, um texto na seção Memória e duas resenhas.

O Dossiê, com o tema “O Holocausto na literatura e história judaicas”, engloba um artigo de Sofia Débora Levy (bacharel e licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; bacharel e licenciada em Psicologia pela Universidade Gama Filho; Mestre em Psicologia e Doutora em História das Ciências, Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Pós-Doutoranda em Memória Social pela UNIRIO), um artigo de Christini Roman de Lima (Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo, especialista em Literatura Brasileira e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul); um artigo de Dina Lida Kinoshita (Professora Doutora da Universidade de São Paulo e membro do Conselho Curador da Fundação “Astrojildo Pereira”, membro da Cátedra UNESCO de Educação para a Paz, Democracia e Tolerância junto ao IEA/USP no período 1996-2014); e um artigo de Isadora Golberg Sinay (Graduada em Cinema e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

No artigo *Sionismo, Holocausto e revisionismo: uma análise crítica*, Isadora Débora Levy procura “analisar criticamente as relações amiúde traçadas entre sionismo e Holocausto, buscando ampliar o entendimento da relação entre o Holocausto e a criação do Estado de Israel enquanto causalidade”, entendida pela autora como “limitante e utilizada negativamente por movimentos revisionistas e antijudaicos”. Para fazer isso, a autora, em primeiro lugar, revisita “o sionismo não apenas em sua manifestação político-nacional da Idade Moderna, mas enquanto fator de identidade judaica milenar”. Em segundo lugar, ilustra sua análise crítica com “os olhares de judeus sobreviventes do Holocausto frente ao iminente perigo aos quais vieram a ser submetidos, bem como a sua relação para com a existência de uma pátria segura (...) como um fator de ajuda na superação dos traumas vividos no passado e no combate ao revisionismo e ao negacionismo do Holocausto”.

No segundo artigo do Dossiê, Dina Lida Kinoshita aborda o tema da literatura do Holocausto e da resistência, procurando “construir um vasto painel sobre o Holocausto, as atrocidades cometidas pelos nazistas e as estratégias de resistência utilizadas pelos judeus nos guetos, campos de trabalho forçado e mesmo nos campos de extermínio, apesar do terror reinante”. Com este objetivo, a autora examina a resistência cultural ao Holocausto, na forma de produção literária que retrata o que aconteceu e por meio da literatura posterior de memórias individuais e coletivas.

Com o artigo *O Holocausto em “O Escritor Fantasma” de Philip Roth*, Isadora Golberg Sinay analisa a representação do Holocausto no romance de Philip Roth, no qual Nathan Zuckerman, alterego literário do escritor, aparece pela primeira vez. Utilizando-se dessa personagem, como indica Sinay, Roth fala dos conflitos que enfrentou com a comu-

nidade judaica e com sua família, assim como da vida judaica no período pós-Segunda Guerra. Sinay conclui que, para Roth, “o Holocausto aparece como ponto de ruptura e conflito”, uma parte de sua história da qual ele precisa se apropriar e para a qual necessita encontrar sentido.

O tema escolhido por Christini Roman de Lima foi a abordagem do “sobrevivente como testemunha” nas obras de dois escritores judeus, Moacyr Scliar e Michel Laub, ambos descendentes de imigrantes que aportaram no Rio Grande do Sul. Para isso, a autora do artigo analisa o conto de Moacyr Scliar, “Em minha suja cabeça, o Holocausto”, e o romance de Michel Laub, *Diário da queda*, tendo como ponto de partida o sobrevivente dos campos de concentração, o seu testemunho e as consequências para a geração procedente. Roman de Lima esclarece que o conto “Na minha suja cabeça, o Holocausto” faz parte do livro *O olho enigmático*, publicado no ano de 1986, pela editora Guanabara. Neste conto, “Scliar retrata Mischa, um homem que resistiu aos campos e aportou em uma comunidade judaica brasileira – não especificada – quatro anos depois do término da guerra. A história é exposta pelo olhar infantil de um menino de onze anos que se defronta com o sobrevivente, uma vez que muitos refugiados da Europa chegam ao país em busca de ajuda de parentes e amigos.” No caso de Michel Laub, sua narrativa “discute o aspecto do trauma do avô que ricocheteia no trauma de seu pai e no seu”, que é o ponto fulcral das vidas das três personagens do livro. De acordo com Roman de Lima, “O texto equipara a violência limite, que não deixa margem para escapatória, às pequenas violências cotidianas e familiares, como o *bullying* e a agressão doméstica. Entretanto, o trauma do sobrevivente de Auschwitz é apresentado em toda sua magnitude através da violência do silêncio paralisante.” Ademais, como indica a

autora, “A obra de Laub não se pretende idealista, nem contemplativa; ao contrário, visa a questionar o impacto da violência – de Auschwitz – em sua geração”, o que ele faz através da escrita.

É importante ressaltar que, para Roman de Lima, nos dois trabalhos examinados no artigo, a literatura não busca “tomar o lugar da testemunha integral dos acontecimentos e nem quer atingir a representação da ‘experiência pura’ ou, muito menos, sublimá-los, mas contribuir, por meio da própria testemunha, para elaborar uma escrita que trate da violência, tateando, assim, no anseio por quebrar o efeito de arquivo, dos relatos empilhados na gaveta da História – na medida em que isto for possível”.

No primeiro artigo da seção de temáticas livres, com o título *Transitando entre a Diáspora e a Terra de Israel no romance Mikan Umikan de Yossef Haim Brenner*, Gabriel Steinberg examina a obra *Mikan Umikan* (Daqui e de lá), primeiro romance de Brenner publicado na Terra de Israel, em 1911. Como informa Steinberg, neste romance Brenner transita entre dois mundos: o mundo da tradição e da diáspora e o mundo novo que ele vê renascer numa terra antiga que lhe provoca dúvidas e questionamentos. “Se até a época de Brenner a literatura hebraica apresentava uma visão idílica da Terra de Israel, nesta obra o autor a apresenta a partir de uma perspectiva realista.” Enfim, conclui o autor do artigo, a obra de Brenner caracteriza-se “por um profundo pessimismo em relação ao mundo que o rodeia”.

Marcio Henrique Muraca comparece como autor, nesta edição da *WebMosaica*, com o artigo *Vergonha, usura e o judeu em Os ratos (1935), de Dyonélis Machado*. Num dos capítulos de seu romance, como refere Muraca, Machado faz a ligação entre usura e o povo judeu, numa cena “permeada pela categoria *vergonha*, uma vez que ela é arran-

jada em torno dos sentimentos de superioridade e inferioridade dos personagens numa simbólica escala social. A crítica ao capitalismo na obra toca em conceitos antijudaicos cristalizados na sociedade nacional, considerando que o judeu é representado como um negociante que lucra sobre o sujeito oprimido”.

André Luiz Bacci, por sua vez, é autor do artigo *Religiosidade judaica e identidade liminar em ‘A La salida de Lisboa’, de João Pinto Delgado*, no qual aborda o processo de reconstrução da identidade judaica do poeta português João Pinto Delgado através referido no título do artigo, “escrito em castelhano na Holanda, no século XVII”. De acordo com Bacci, “*A La Salida de Lisboa* foi escrito em Amsterdã, quando seu autor já se encontrava na circunstância de judeu livre e integrado a uma comunidade judaica próspera e reconhecida. Mesmo assim, esse poema afirma continuamente a situação social liminar do judeu novo. O amálgama entre presente e passado, a defesa do pertencimento, a um só tempo, à Ibéria e ao judaísmo (ainda que pelas diretrizes da Inquisição isso configurasse um oxímoro) e o esforço por se identificar com os rótulos de ambas as culturas sugerem fortemente que a identidade sefaradita durante o período barroco na Holanda era construída sobre a região fronteiriça significada por Pinto Delgado em *A La Salida de Lisboa*”.

No quarto artigo dessa seção, *Freud e a invenção da judeidade*, Betty Bernardo Fuks retoma a relação de Freud com a tradição judaica, tomando como ponto de partida o conceito de judeidade. Fuks discute “a importância do lugar ocupado pela *intelligentzia* judaica na diáspora europeia no início do século XX e o modo como Freud extraiu dessa experiência condições para sustentar a psicanálise numa cultura hostil às suas descobertas. Empreende-se uma análise sobre o fracasso do

processo de emancipação do povo e os caminhos que levaram o pai da Psicanálise, já no final de sua vida e obra, a escrever *O homem Moisés e o monoteísmo: três ensaios*.”

Na seção Memória, Rafaela Barkay relata a história de sua família, com o artigo *A pequena Iugoslávia no Brasil: a etnografia de uma família*. A partir dessa história particular, a autora traça alguns aspectos da memória de uma pequena comunidade judaica, de origem iugoslava, que se estabeleceu na cidade de São Paulo após a Segunda Guerra Mundial.

Na seção Resenhas, Vivian Schlesinger comenta o livro de Cristovão Tezza, *O professor*, publicado pela Editora Record em 2014, destacando as relações entre o protagonista e a personagem de sua aluna Therèse, judia de origem francesa; e Paula Ansaldo resenha a obra de Manuela Fingueret, *César Tiempo: el poeta de los tres nombres*, publicado pela Editora Capital Intelectual, de Buenos Aires, em 2014.

A imagem da capa tem um significado especial para este número da *WebMosaica* – cujo Dossiê tem como tema o Holocausto –, uma vez que ela reproduz um quadro de Erika Stransky, nascida em 1930, prisioneira do campo de concentração de *Theresienstadt* entre dezembro de 1942 e maio de 1944 e assassinada numa câmara de gás logo após sua chegada a *Auschwitz*. Erika era uma das meninas com idades entre 12 e 14 anos que viveram no Quarto 28 do Abrigo para Meninas L 410 em *Theresienstadt*. Das 50 a 60 meninas que moraram neste quarto durante aquele período, apenas 15 sobreviveram. Os 30 desenhos de Erika foram escondidos por Friedl Dicker-Brandeis, precursora da Arteterapia, e também assassinada em *Auschwitz* (Hannelore Brenner, *As Meninas do Quarto 28: amizade, esperança e sobrevivência*. São Paulo: Texto Editores, 2014).

Esperamos, mais uma vez, que os leitores apreciem os trabalhos veiculados neste número e a singela poesia da imagem de capa, que tanto simboliza a resiliência que caracteriza a história e os feitos do povo judeu.

Anita Brumer e Rafael Bán Jacobsen
(Editores)